

O PRESENTE COMO HISTÓRIA E O FASCISMO ETERNO¹

THE PRESENT AS HISTORY AND ETERNAL FASCISM

Raffaele De Giorgi

Doutor pela Universidade de Roma La Sapienza. Professor na Università di Salento – Itália.
E-mail: raffaeledegiorgi@gmail.com

Convidado

RESUMO: O presente é o lugar no qual se representada – é o teatro, na verdade – em que se torna visível, opera-se o condensado semântico, o patrimônio de sentido que se sedimentou como traço do passado, como resíduo seletivo que orienta a ação social. Nesse sentido, o presente não é o início de sua própria temporalidade, mas é consequência, é ponto de chegada. O presente é memória, é diferença entre lembrar e esquecer. O presente é história.

E assim: se quisermos compreender o presente como história, é necessário, antes de tudo, esclarecer qual era a modernidade diante da qual corria o século passado em seus primeiros vinte anos. Então poderemos ver quais inércias semânticas continuam a operar em nosso presente e poderemos compreender sua relevância no contexto da autorrepresentação da sociedade e na reflexão de seus limites, ou seja, na imagem de seu presente futuro. Poderemos observar, assim, as características da modernidade de nossa modernidade e o fluxo de sedimentos de sentido que continuam a operar no presente como resíduos das ameaças, inextinguível inércia, como detrito semântico do passado. Descobriremos, então, que o presente está inquinado aquilo que, com Umberto Eco, poderemos chamar, Ur-fascismo, fascismo eterno: este Ur-fascismo adquire no nosso presente conotações particulares que definem o modo pelos quais a política, a economia, mas também o direito - e as religiões que a eles se adaptam - exercem violência contra a complexidade da sociedade moderna. A experiência deste Ur-fascismo nos faz pensar no sonho que José Arcadio Buendia faz, el sueño de los cuartos infinitos: um estranho sonho em que ele despierta hacia atrás, despierta al revés.

Palavras-chave: Presente. História. Modernidade. Ur-fascismo: Fascismo eterno.

ABSTRACT: The Present is the place where we act – it's really the theater – where the heritage of meaning sedimented as the trace of the Past, where it becomes visible, as the selective residue that orientates action. Therefore, the Present isn't the beginning of its own temporality, but rather its arriving point, its consequence. The Present is history.

If we are to understand the Present as history, we need to clarify before what Modernity the XX century developed in its first twenty years. Thus, we are able to understand what semantical inertia are still in course and its importance to the auto-representation of society and of its limits, i.e., in the imagination of its future Present. In this way, we can watch what makes modern our own Modernity as well as the flux of meaning sediments that are still operating the Present as menaces' residues, interminable inertia, semantic detritus from the past.

¹ Tradução portuguesa de Ane Elisa Perez

In this way we can learn that Present is annihilating what (as Umberto Eco did) we can call Ur-fascism, eternal fascism: this Ur-fascism acquires nowadays specific connotations that define how Politics, Economics, and even the Law – and the Religions that fit to them – fulfill a kind of violence against the complexity of modern society. The experience of this Ur-fascism reminds us of José Arcadio Buendía's dream (from the Novel *One Hundred Years of Solitude*, by Gabriel García Márquez), the dream of infinite rooms, a weird dream in which he awakes towards the door, in which he awakes the other way.

Keywords: Present. History. Modernity. Ur-fascism. Eternal Fascism.

1.

Na história da Europa, nos últimos três séculos, ocorre algo que se repete sistematicamente: há uma dimensão do acontecer que dá particular relevância aos eventos – é a dimensão temporal em que os eventos são colocados. Parece que tudo o que aconteceria no decorrer da época de cada século, o que caracterizaria esse século e sua diferença em relação os outros, foi escrito em seus primeiros vinte anos². Como se o evento decisivo, ou já o contexto de significado de ação, de tomada de decisões políticas, de orientações de poderes e economias, bem como o material ideológico que caracterizaria todo o curso restante do século tivesse sido fixado durante esses primeiros anos. Como se, então, tudo o que tivesse sido produzido até o final do século, fosse apenas o desdobramento, o desdobramento complexo e irreversível desses eventos marcantes. Como se, então, ao longo do século, o tempo tivesse corrido atrás de si mesmo, ligado às consequências de seu início e, ao mesmo tempo, à busca frenética para se livrar das correntes às quais se vinculou nesses primeiros vinte anos. Um tempo circular, louco correndo atrás da loucura de seus primeiros anos.

E, parece que algo semelhante está acontecendo para o nosso século³: os eventos que assistimos desde seus primeiros dias e que continuam perturbando o presente, por mais localizados que possam parecer, são, em vez disso, marcantes e lançam sombras em todo o horizonte do futuro que podemos enxergar agora. Não vemos o futuro, mas sentimos em nós as sombras ameaçadoras da ocupação do tempo que resta.

Em seus primeiros vinte anos, o século XIX havia escrito em seu horizonte: *restauração* e correu inutilmente atrás de si mesmo na tentativa de praticar restaurações impossíveis de um passado que nunca poderia voltar⁴. O século XX, apenas a partir de uma guerra destrutiva, construiu seu destino desencadeando revoluções que resultariam, por um lado, nas sangrentas ditaduras do fascismo e do nazismo e, por outro, nas erupções vulcânicas de expectativas que já em seu início seriam extintas pelo sangue das esperanças sobre as quais haviam sido construídas⁵. A primeira metade do século entrou em ruínas queimando-se com a guerra insana que acabou com a inexorabilidade dos destinos⁶ dos quais havia surgido; a segunda metade do século transcorreu com

*Tradução portuguesa de Ane Elisa Perez

² O século XIX corre atrás da restauração da ordem geopolítica resultante do Congresso de Viena; o século XX corre atrás da ordem do mundo resultante do fim da Primeira Guerra Mundial; o século XXI corre atrás da ordem que os impérios pretendem impor de forma controlar a desordem que eles mesmos provocaram.

³ O ataque terrorista às Torres Gêmeas torna-se a razão para a "exportação" da democracia para países que foram inventados como uma ameaça à ordem mundial; antigos impérios adquirem a forma moderna de autocracias "competitivas" e, tendo estabilizado suas "áreas de influência", impõem a ordem da violência e a ordem das imagens do mundo sustentadas pela negação, isto é, pela falsificação que inunda a dimensão material da produção de sentido através da comunicação.

⁴ Esse passado já havia sido pregado pelos pioneiros do contra-Iluminismo nos últimos vinte anos do século XVIII, pouco antes da Revolução Francesa (Herder) ou imediatamente após o seu início (Burke).

⁵ Os anos trinta na União Soviética.

⁶ Os "destinos inexoráveis da pátria" foram sempre evocados pela retórica fascista da fatalidade.

temor e esperança por trás dos vulcões extintos que agora deixaram acesa apenas a esperança de seu fim⁷. Que chegou e fechou o século⁸.

O nosso século, que acaba de completar vinte anos, por um lado trabalhou distraído no atrito das democracias que haviam sido meticulosamente construídas na segunda metade do século anterior e, por outro lado, está trabalhando, em vez disso, intensamente, na violenta compressão autocrática dessas democracias, que só se haviam aberto no horizonte nos últimos vinte anos deste século.

Em Viena, há dois séculos, a preocupação era: restaurar o que havia sido destruído pela revolução e pelo ímpeto pós-revolucionário, reafirmar o que no passado tinha tido sua legitimidade e inventar um equilíbrio artificial entre os poderes. O século correu depois de seu tempo, perdeu-se por trás desse projeto perverso: mas, uma classe sem fronteiras e sem legitimidade se impôs na cena da história⁹, que espalhou por todo o mundo a ideia de libertação e luta pela emancipação. Era uma classe que não era uma classe, mas uma força universal, o primeiro excedente da força livre que conseguiu livrar a evolução da sociedade das restrições que ainda a ligavam a status, estratificações sociais, propriedade, religião, pequenos grupos. O poder respondeu tentando se estabilizar, desenhando fronteiras, inventando e reinventando nações, como entidades naturais que, na realidade, nada mais eram do que artificialidades a serem confiadas à impotência do direito internacional. Guerras de independência e libertação foram travadas: os países se livraram dos antigos imperialismos e se prepararam para ocupar seus próprios espaços no globo, enquanto finalmente o colonialismo também começou a vacilar.

Mesmo os primeiros vinte anos do século passado perfuraram o horizonte que parecia envolver o presente: agora, saindo da guerra, nos sentimos renascidos, prontos para libertar o mundo dos remanescentes sombrios do passado. Tínhamos que *entrar na modernidade*. Era necessário conquistar essa nova condição, cheia de poder, destrutiva do passado, de seus atrasos históricos, de suas restrições e que era a condição que então se chamava precisamente de *modernidade*. A conquista da modernidade significava investir a vida, o pensamento e a ação em um novo mundo, negando toda a existência possível à mentalidade burguesa, à mediocridade esquálida da inaptidão burguesa, à concepção liberal do mundo e dos indivíduos e suas ações; significava repudiar a racionalidade melíflua racionalidade de um pensamento que permanece em si mesmo.

Os povos europeus, mas também os asiáticos, haviam começado o século com seu banho de sangue, tinham praticado a guerra e agora, para reapropriarem-se de seu presente, deviam agarrar o seu destino, eles tinham que correr para ser modernos. A modernidade foi entendida como uma condição de contínuo movimento para o futuro, uma condição que exigia força, vontade, dedicação, causas para às quais se dedicar, disciplina, ordem, conquista: a conquista da modernidade era a epopeia dos povos, dos indivíduos, dos heróis, das massas que naquela modernidade, na verdade, deveriam entrar. A modernidade foi entendida como um movimento contínuo em direção ao futuro, como uma corrida para o futuro, como uma aceleração do ritmo do tempo: "A palavra que resume e dá caráter inconfundível ao nosso século mundial é movimento"¹⁰, disse o pai do fascismo italiano no início do século. "Movimento em todos os lugares e aceleração do ritmo da nossa vida".

O século terminou seus primeiros vinte anos com o entusiasmo, a certeza, a vontade de poder daqueles que se sentem investidos com uma missão sagrada: a conquista do presente através da ação. A ação que não deixa espaço para o pensamento, para reflexão. Resíduos burgueses, como disseram os homens de ação.

⁷ 1956, na Hungria; 1968 em Praga.

⁸ 1989: queda do Muro de Berlim.

⁹ 1848.

¹⁰ Blériot, em: *Il popolo*, 28 luglio 1909, cit. da Emilio Gentile, *Le origini dell'ideologia fascista (1918-1925)*. Bologna: Il Mulino, 1996, p. 15

E o nosso presente? O presente do século XXI? Já somos modernos: nos sentimos modernos, vivemos como modernos, somos uma consequência da tragédia da modernidade para a qual olhavam os entusiasmados construtores do fascismo (Wolin, 2004) e os arquitetos menos entusiasmados dos regimes que nos anos 20's do século passado estavam predispostos a ser outro futuro.

Somos modernos porque agimos no contexto de sentido da comunicação social e, portanto, das autorrepresentações da sociedade em que são condensados os patrimônios de significado que foram produzidos pelas cinzas do que queimou com o fogo das paixões do século passado e permaneceu sob as cinzas fumantes de seus futuros. Essa modernidade está toda lá, como cinzas, como vulcão extinto, como detritos, como eco, como memória oculta, como fantasma. Mas há. Está em algum lugar. O patrimônio semântico de uma sociedade não é destruído, continua a ser: a evolução é imunizada e evolui a si mesma. Continua operando o trabalho no patrimônio semântico que produz novo sentido sob novas condições de produção de sentido.

Na realidade, então, somos uma consequência de nós mesmos, o presente em que vivemos – como todo presente – não é o início do tempo, é a história de si mesmo, é o contexto de sentido em que em um nível mais elevado de evolução, o que resta do passado e o que se prospecta como futuro toma outra forma. O presente é a dimensão temporal que dá sentido ao que é tratado como passado e ao que é construído como futuro. E por essa razão nossa modernidade, nosso ser moderno não é um "ter se tornado", mas um "ter sido".

E o que nós somos? Isto é: o que fomos?

Na tentativa de reparar e sair dos escombros deixados pelas tragédias da primeira metade do século passado e racionalizar e conter as expectativas ainda voltadas para as esperanças escondidas sob as cinzas dos vulcões extintos, desenhamos limites do tempo abertos à modernidade da sociedade moderna: se tratava de uma modernidade absolutamente diferente daquela para a qual corriam os primórdios do século anterior e os fascismos e outros regimes que deveriam conquistá-la. A modernidade para a qual temos aberto os horizontes se prospecta sobre os escombros dos desastres dessa outra modernidade que, na realidade, pretendia construir <homens novos>¹¹ capazes de uma vontade de poder que só poderia ser realizada através da negação do outro, que não era membro da mesma seita. Ou ela pretendia construir novos homens aos quais fossem impostas consciências elaboradas nas salas subterrâneas dos aparatos que protegiam a pureza dialética da ortodoxia e da política (Zinoviev, 1985)¹².

Essas modernidades sufocavam e **tiravam** a respiração; negavam que a razão poderia ser iluminista (Sternhell, 2010), negavam qualquer racionalidade (Horkheimer, 1996), destruíram os direitos e impuseram religiões seculares e mitologias modernas. A modernidade da sociedade moderna, aquela modernidade que explode sob os escombros das fracassadas modernidades se abre para a complexidade, para a diferença, expõe a velha razão do Iluminismo às razões discrepantes do presente (Luhmann, 1996, p. 66-91) e deixa as razões de suas diferenças correrem livremente e não conhece o outro senão como condição de identidade.

E então: se queremos compreender o presente como história, é necessário, antes de tudo, esclarecer qual foi a modernidade a qual o século passado correu ao seu encontro em seus primeiros vinte anos. Então poderemos ver quais inércias semânticas continuam operando ainda em nosso presente e poderemos entender sua relevância no contexto da autorrepresentação do presente e na reflexão de seus limites. Poderemos observar, desta forma, brevemente as características da modernidade de nossa modernidade e o fluxo de sedimentos de sentido que continuam a operar no presente como resíduos de uma ameaçadora, inextinguível inércia, como detrito semântico do

¹¹ Lutz Klinkhammer- Patrik Bernhard (ed.), *L'«uomo nuovo» del fascismo: tra progetto e azione*, Schriftenreihe <Ricerche dell'istituto storico germanico di Roma>, Band 11 (2017).

¹² O que resta deste grande projeto – os russos atuais – é apresentado em uma narrativa que brota da história das próprias partes interessadas. Svetlana Aleksievich, *El fin del «homo sovieticus»* (trad. del ruso de J. Ferrer), Acantilado, Quaderns Crema, Barcelona 2015.

passado. Talvez não seja inútil lembrar que a primeira modernidade era uma moda, que era alimentada por ideais estéticos, filosóficos, místicos, regeneradores, políticos, pois então encontrou movimentos revolucionários de um nacionalismo radical que se apropriaram e a transformaram em uma ilusão legitimadora de ação. Então ela morreu, como todos os vulcões.

A outra modernidade, aquela da qual falamos como nossa, é um estágio evolutivo da sociedade, tem a ver com a sociedade do mundo, com seus sistemas sociais (Luhmann; De Giorgi, 1991) e nos permite ver os limites da racionalidade na construção do futuro. Ataca o tempo com uma complexidade que é inarrestável (Luhmann, 1990, p. 59-76).

2.

O fascismo, escreve um historiador (Griffin, 2013; idem, 2008; Cangiano, 2021)¹³, era um modernismo alternativo. Não era um movimento conservador, mesmo que em sua ideologia houvesse o *Blut und Boden*, a terra e o sangue e mesmo que a tradição, mais a inventada, do que a real, tivesse a função particular de sacralizar um passado já em grande parte secularizado; não foi conservador mesmo que em condições de produção agrária do tipo feudal o movimento utilizasse os agrários e seu múltiplo apoio, mesmo se nas áreas mais atrasadas do país ele encontrou uma rica área de captura e, mesmo se, a crueza da linguagem dos “esquadrões de ação” fascistas tivesse um profundo impacto sobre os sentimentos dos camponeses, dos despossuídos e dos analfabetos, enquanto o movimento que já havia se tornado um partido político, por sua vez, se preparava para alcançar os níveis da cuidadosa semântica de uma neo-linguagem que fascinava os intelectuais e os salões da nova cultura, espalhando um neo-barroco de poder e diferença.

Foi um movimento de rejeição do capitalismo, da ideia da burguesia que foi entendida como um conjunto amorfo de individualidades geralmente frustradas. Ele se voltou para sua frustração para recrutá-los e empurrá-los para grandes atos. Mas, foi precisamente a ideia de suprimir a frustração comum que ativou impulsos perversos para aquela burguesia de posto que não era a nobreza. Foi uma reação contra essa burguesia, contra sua cultura. Era contra o individualismo burguês entendido como lugar dos interesses individuais, das individualidades privadas. Mas, não era contra propriedade privada individual. No produtor individual ele viu uma função pública que tinha que ser protegida e desenvolvida pelo Estado. Ele apoiou o latifúndio e usou-o como fonte de renda econômica e policial.

A individualidade do indivíduo não poderia ser confundida com a individualidade burguesa, com a singularidade do indivíduo: a verdadeira individualidade encontrava a sua realização na organização, tanto na organização do movimento no estado nascente, da gangue, da milícia, quanto na organização do partido, na dos produtores, das corporações, do exército, e então, finalmente, no mais alto e mais profundo nível, no Estado. Em cada uma dessas formas, desses contextos de vida e ação, no entanto, a individualidade não era mais uma qualidade do indivíduo, mas uma manifestação de seu pertencimento. É esse o resultado de ele ser membro. Em outros termos, a identidade era uma qualidade que os indivíduos – desprovidos de qualquer de suas singularidades – adquiriam para sua identificação como elementos do que pertenciam. Daí também o cuidado particular da estética do pertencimento.

O *homem novo* que deveria ser realizado pelo fascismo tinha muito pouco a ver consigo mesmo: sua construção não era uma questão individual, mas uma questão que tinha que ser tratada através das formações facinora- fanático -militar-político-econômico- social em que ele estava incluído e em que poderia valer, ou seja, ser reconhecido com um indivíduo.

A maior, mais inclusiva e sacralizada individualidade foi a nação. O fascismo é, antes de tudo, um *nacionalismo revolucionário*. O que entra no futuro é a nação, são os italianos. Aqueles que se regeneram, são os italianos, não os indivíduos, é claro, a nação. E assim, aqueles que são

¹³ Sobre a questão do modernismo fascista, sempre muito profundo e interessante, ver GENTILE, Emilio. *The Struggle for Modernity: Nationalism, Futurism, and Fascism*. WESTPORT: Praeger, 2003.

educados são italianos, não indivíduos. O povo. Uma entidade mística que é colorida por mitos, epopeias em que o passado, sua grandeza, sua singularidade são reconstruídas. Nesse sentido, a sacralidade do povo se funde com a sacralidade da nação que se estende dentro das fronteiras sagradas da pátria. Educados pela guerra, ensanguentados pela guerra, o povo entra na grandeza, se torna um troféu de si mesmo, canta as glórias de si mesmo, pode sentar-se entre os grandes, mostrar-se como uma obra do destino.

O povo pega em armas, o povo manifesta, o povo se prepara para a guerra, o povo grita, urra, o povo está faminto por terra, o povo defende o território sagrado da pátria, o povo quer o líder, o povo corre atrás do líder. Entra assim na linguagem e representação da sociedade um núcleo semântico absolutamente desprovido de realidade: esse núcleo semântico é tratado como realidade, funciona como realidade, é massacrado como realidade. Trata-se de um conceito jurídico político que faz história¹⁴: a única individualidade provida de exclusiva e suprema individualidade. No entanto, esse povo deve ser regenerado. Esse povo é desprovido de pensamento, é desprovido de opinião e é desprovido de conhecimento: no entanto, deve ser apoiado, deve ser ouvido. É a ideia da massa que a linguagem do movimento enobrece em povo, em uma entidade que tem a função de estabelecer os limites. É um vazio semântico perverso que permite realizar grandes operações semânticas.

Uma operação semântica relevante que determina a possibilidade do movimento de se reconhecer e transferir esse reconhecimento para a autorrepresentação da massa, despertando em cada um a possibilidade de se vivenciar como indivíduo, é a *rejeição na forma de negação*: rejeição da burguesia com a negação do que foi previamente aceito como diferença; rejeição da história, com a negação dos fatos anteriormente assumidos como reais; reversão da história, mistificação, transformação de eventos que antes eram assumidos como relevância. E, então: a rejeição ao capitalismo e sua ideologia – aqui, a rejeição não afetou a propriedade, mas a ideologia do individualismo proprietário, de sua capacidade de entrar na modernidade sem a correção de suas orientações produtivas, sociais e políticas que viria da organização político-militar-social do Estado. E, assim: rejeição do pensamento, dos intelectuais, daquela classe burguesa que não conhece a ação, rejeição daqueles que hesitam em agir ou não são capazes de pensar revolucionariamente.

A negação e a rejeição são adequadas para a massa: a massa segue, aceita, identifica, não contesta e por isso a negação determina o conteúdo, a realidade, constrói uniões coletivas de entidades particulares que com o recurso à negação criam-se em uma individualidade.

Ação pela ação se torna o objetivo da mobilização em massa; a massa segue, permite-se ser empurrada, transportada e, em tudo isso, faz, age, e, acima de tudo, a massa é. A massa é o indivíduo do fascismo: é o indivíduo que se deixa educar à socialidade, ou seja, à camaradagem, que se deixa educar à guerra, que derrama seu sangue em honra da pátria; a massa, como o povo, é essa materialidade disforme, de corpos indistinguíveis, uma quantidade de sem nome e sem rosto

¹⁴ Em todas essas representações, em todo esse material semântico, no agir que lhe é orientado, há a negação raivosa, convulsiva, "em massa", vulgar e cuidadosamente meditada ao mesmo tempo, da guerra contra o Iluminismo. Uma guerra que foi iniciada já na segunda metade do século XVIII, que na primeira metade do século XX conseguiu exterminar qualquer resquício do antigo Iluminismo e que, retomada nos anos cinquenta desse século sob a máscara do "neoconservadorismo", recuperou brutalmente terreno na década que estamos vivendo. Esta guerra tem suas raízes em um panfleto publicado na Alemanha em 1774 por Johann Gottfried Herder, *Auch eine Philosophie der Geschichte zur Bildung der Menschheit*, Reclam-Verlag, Stuttgart 1990: um texto desconcertante. O que tem sido muito bem sucedido e continua a ser um ponto de referência para as concepções que carregam os movimentos contemporâneos de extrema-direita com armas ideológicas – e não apenas ideológicas. Não é certamente por acaso que, em 1941, em 29 de maio, a convite do *Deutsches Institut* da *Kulturpolitische Abteilung* della Ambasciata Tedesca, na Paris ocupada pelos nazistas, Hans-Georg Gadamer dá uma palestra intitulada: *Volk und Geschichte im Denken Herders*. O texto da conferência foi republicado por Vittorio Klostermann, Frankfurt a.M. 1967. Com a sofisticação de salão, bem como com a evidência da ocupação militar e das armas, o teórico da hermenêutica teve que convencer os franceses da superioridade histórica do povo alemão a partir da vulgar e raivosa filosofia da história do Herder. Providência (Herder) e destino (Hitler).

que adquire um nome e um rosto único e que age como um braço, como um coração, como um rifle. Mas nunca como uma razão, porque o povo é povo porque é desprovido de razão e não conhece nenhuma razão.

Mas o povo é um. E o que não está dentro está lá fora. E esta é a outra negação.

A primeira negação é a massa como indivíduo. A massa não é nem inclusão nem exclusão. Massa é vida. Só a massa vive. Só essa tem qualidade, requer reconhecimento. Os elementos dos quais é composta não são vistos, não vivem, exceto pela força vital da massa.

Mas, as massas, o povo, são a negação viva e operante de toda a *alteridade*. O *outro* está em negação e deve ser excluído, ou seja, negado. Qualquer que seja a manifestação de sua alteridade. A alteridade do outro é uma ameaça, é perigo, é ferida, é blasfêmia, é um sintoma de conspiração, da ruptura da unidade: o povo é unidade, assim como a nação é unidade; somos unidade; a família é unidade: essas unidades não podem ser negadas. Cada ataque, mesmo que apenas estético, à sua unidade, dessacraliza-o e faz com que percam sua função palingenética e regenerativa.

Essa unidade não é circular, tem sua própria verticalidade, sua própria forma de estratificação interna que então reverbera naturalmente para fora. Forma-se uma hierarquia de elites, que mantém o todo unido e torna impossível deixar o grupo sem ser tratado como algo que é outro. Essas elites distribuem violência, força e privilégios de cima para baixo e ganham certeza de lealdade por chantagem mútua.

Em 1905, Morasso (1905), um fascista, escreveu: "O século XIX foi o século da utopia democrático-humanitária; o século XX será o século de força e conquista.... É no novo século que a força terá seu maior reino, e é no novo século que veremos os exércitos mais formidáveis e as guerras mais sangrentas." Ele estava tragicamente certo. Para entender melhor o espírito dessas declarações, simplesmente citamos um apelo escrito alguns anos depois por um dos maiores expoentes pintores do Futurismo, Boccioni: "devemos tomar partido, - ele gritou - inflamar nossa paixão, exasperar nossa fé por essa nossa grandeza futura que todo italiano digno de seu nome sente profundamente, mas que ele deseja muito fracamente! Leva ao sangue, leva à morte... Deveriam ser enforcados, fuzilar quem se desvia da ideia de uma grande Itália futurista" (Boccioni, 1913).

A mitologia do herói está ligada a essa imagem de força e vida. O herói é superior a tudo e a todos, ele é pela morte e diz a todos que devem se unir no culto da morte. A guerra é renascimento, é palingênese: a guerra é permanente, a guerra é a liturgia da religião das fronteiras, a guerra faz você sentir o sangue fluindo e se regenerando. A exaltação da guerra esconde frustrações, assim como a inclusão na milícia transforma os frustrados em narcisistas de uma estética de violência e em reparadores do mundo.

3.

Um grande filósofo liberal italiano (Croce, 1953, p. 36), no início do século passado, escreveu: "o mundo contemporâneo está novamente em busca de uma religião, impulsionado pela necessidade de uma orientação sobre a realidade e a vida, impulsionado pela necessidade de um conceito de realidade e vida". O movimento fascista, a milícia, o partido, o Estado responderam plenamente a essa necessidade: mantiveram juntos o universo global de uma nova religião, um universo que incluía todas as manifestações da vida. Eles eram eles mesmos religião. Uma religião politeísta e monoteísta ao mesmo tempo. Pagã e Cristã. Como o sincretismo de suas filosofias.

Uma religião mergulhada em mitos: o mito da juventude, o mito da força; o mito da Grande Guerra; o mito do novo estado. O mito de Roma e depois o da raça e supremacia do homem branco. E assim, os fascistas reconheceram o idealismo como uma filosofia oficial, gritaram sua rejeição ao empirismo, positivismo e materialismo, mas, por outro lado, praticavam um materialismo vulgar para a alteridade, sujeição, estranheza, diferença. Eles praticavam uma

moralidade de novos homens que estava acima da moralidade tradicional, e era vulgar também, subserviente de tempos em tempos a alguns dos deuses que compõem a hierarquia do politeísmo de seus valores. Sua ideologia consistia em um conjunto denso de conjugações incoerentes: de Marx a Nietzsche, de Maquiavel a De Maistre, a Le Bon e poderíamos continuar (Wolin, 2004).

Um fascista, Pellizzi (1924), escreveu em 1922: "O fascismo é uma negação prática do materialismo, mas ainda mais do individualismo democrático, do racionalismo iluminista; é afirmação dos princípios da tradição, hierarquia, autoridade, sacrifício individual em direção ao ideal histórico, afirmação prática de valor, da personalidade espiritual e histórica (do homem, da nação, da humanidade), oposta à razão da individualidade abstrata e empírica do Iluminismo, dos positivistas, dos utilitaristas" (Pellizzi, 1922).

O fascismo, podemos dizer, é rejeição, é negação, é a ausência de distinções. Naturalmente, esse complexo de negações traça o horizonte de uma cultura que permeia a Europa do século passado, impõe-se como uma cultura universal, capaz de ocupar os espaços das organizações, os espaços das instituições e os espaços de vida, tanto nas manifestações de sua intimidade quanto nas de sua exterioridade e, também, se apresenta como uma teoria do Estado e da economia, da representação sindical e da necessidade de ocupar o mundo para iluminá-lo com seu espírito.

O totalitarismo fascista impõe um Estado presente em todas as manifestações da vida de cada um: presente de forma transparente, de forma oculta, a fim de configurar privilégios, mas também de uma forma que se faça sentir como uma ameaça. O Estado, ou seja, o partido, sua articulação descoberta ou coberta penetra cada associação, cada grupo, passa por cada indivíduo privado e investiga e examina e registra cada manifestação expressa e cada intenção não expressa. O Estado novo baseia-se na fé comum dos sujeitos a quem dá segurança de sua superioridade, certeza do futuro, fidelidade absoluta à conquista do futuro.

O Estado restaura a liberdade retirada dos indivíduos, assegurando ao povo que sua superioridade e pureza serão protegidas contra a degeneração: contra as raças inferiores, contra os judeus, contra os degenerados em mente e espírito. Restaura essa liberdade sob a forma de segurança que a dignidade do povo e da nação será salva, que o inimigo será destruído, que o solo sagrado da pátria não será pisoteado por qualquer indivíduo sacrílego. E assim a nação se torna uma ideia para a qual o povo deve sacrificar seu sangue; a vida coletiva torna-se um valor ao qual o indivíduo deve sacrificar a miséria de sua particularidade, a pátria um altar.

Naquele altar, em 1945, o fascismo sacrificou-se, seus troféus, sua modernidade e centenas de milhares de indivíduos

4.

O fascismo era uma ideologia vulgar sem ideologia. Ele era vulgar porque conhecia e praticava violência: era uma violência praticada por esquadrões, gangues, partido, organização política contra indivíduos, contra partidos e contra organizações. Mas, foi vulgar porque negou cultura e pensamento reflexivo, e impôs uma forma de religião que ele chamou de cultura secular ou cultura civil de objetos sacralizados; foi vulgar porque negou a possibilidade do outro, a moderação civilizada, a consideração da diferença, a particularidade. Foi vulgar porque cultivava as massas que em si são uma negação da cultura: o conhecimento é individual, como a reflexão e o pensamento. As massas não têm cultura, são manipuladas, elas fazem, são. O líder do fascismo italiano leu e releu Le Bon (2004).

O fascismo era vulgar porque seu sincretismo poluiu todas as linhas coerentes do pensamento moderno sobre a sociedade e o mundo, porque fechava a sociedade dentro de suas próprias fronteiras, como o território, a nação, o Estado, as identidades construídas pela rejeição do outro e do mundo construído como a outra parte além do limite de sua expansão. Foi vulgar porque, mesmo que considerasse o movimento como o sentido dinâmico da existência, então na

celebração da ação pela ação, ele privava a ação da legitimação racional de sua orientação. O irracionalismo, diz Eco¹⁵, depende do culto à ação para a ação.

Em sua arrogante rejeição ao Iluminismo, essa ideologia era idolatria vulgar do irracionalismo: uma idolatria que, apesar da intenção de correr em direção à modernidade e conquistar o sol do futuro, estava imbuída de sincretismo mítico arcaico, materialismo pagão, imoralidade de ódio e duplicidade odiosa de denúncia e acusação.

O misticismo do "homem inteiro" era o misticismo do homem fascista, do militante, dos religiosos fiéis da ideologia, daqueles que podiam acessar todos os presentes com a chantagem da força física ou a licença política do movimento. Esse misticismo tinha a função de negar a individualidade do indivíduo, a universalidade iluminada da pessoa como reconhecimento social da subjetividade, a particularidade do sujeito, sua diferença. Os mitos da força, da juventude, da masculinidade, da raça, da fidelidade, na realidade eram mitos da destruição do outro, de todas as formas de diferença, de todas as alteridades. O antissemitismo foi a manifestação natural da perversão brutal imanente nesses mitos, do ateísmo apocalíptico de sua religiosidade.

Inimigo da história, o fascismo constrói a história, faz continuamente história de si mesmo, de sua eternidade, de sua precedência e produção de tempo, de sua aceleração do tempo. Para se apresentar e ser uma revolução permanente, o fascismo deve negar a história e sublimar a negação, a rejeição. A história deve ser o lugar das glórias, no qual o fascismo pode inventar sua origem e o lugar de derrota e destruição daquilo com o que o destino teve que lutar para deixar espaço para sua origem. O fascismo conquista o tempo e ocupa o futuro pelo destino, não pela conexão dos acontecimentos, o que seria tão desconcertante quanto a razão ou como o indivíduo do Iluminismo. O destino, na verdade, não precisa de razão, o que o nega, mas de fé, que o inventa e o torna sagrado.

O destino chama o chefe, e o chefe não deseja a discussão, não pode ser contestado. A decisão é política porque é decisão do chefe, não por suas outras qualidades.

"Eu poderia ter transformado esse salão surdo e cinzento-em um bivaque para os meus milicianos": assim disse o chefe do fascismo italiano dirigindo-se ao Parlamento¹⁶. A negação da ideia iluminista da razão é a negação de todas as formas de democracia. O fascismo é antidemocrático e antiparlamentar por sua própria natureza. Seja qual for a semelhança que abrange, o regime nega que a câmara surda e cinzenta chamada Parlamento possa ser um lugar onde as opiniões são expressas. Nega a própria possibilidade de opinião como característica de um indivíduo. Só o inimigo, o traidor, pode ter uma opinião e deve pagar por essa imprudência suicida. O povo não pode ser representado: a representação implica diferença e a diferença implica alteridade. O fascismo é a negação deles. O povo é uma qualidade, não uma unidade de diferenças, uma quantidade de indivíduos. O populismo fascista é qualitativo, é a qualidade de uma vontade que é expressa pelo líder que sabe, pelo partido que diz a palavra do líder, pelo movimento que é a vontade em seu ser.

Foi dito que o fascismo era um monte de mentiras, mas isso não é verdade. O fascismo sempre declarou o que pretendia ser e o que pretendia praticar: praticava a violência que declarava

¹⁵ Em uma bela palestra dada em 25 de abril de 1995 em um simpósio da Universidade de Columbia, no qual se celebrava a "Libertação da Europa". Nesse dia, na realidade, na Itália ocorre a "Festa da Libertação" da ocupação nazi-fascista, uma festa nacional. Desde que essa data foi definida como feriado nacional, vetero-neo-e-pós-fascistas, incluindo aqueles que atualmente detêm o poder, tentaram de todas as maneiras forçar seu cancelamento. A conferência de Eco está disponível em versão impressa: Umberto Eco, *Il fascismo eterno*. Milano: La Nave di Teseo, 2017.

¹⁶ Em seu primeiro discurso proferido em 16 de novembro de 1922 por Mussolini como Presidente do Conselho de Ministros do Reino da Itália, para apresentar ao Parlamento a lista de ministros de seu governo: <<Eu poderia fazer desta câmara surda e cinzenta um acampamento para os meus manipulados: eu poderia barrar o Parlamento e constituir um governo exclusivamente de fascistas. Eu poderia: mas eu não queria, pelo menos neste momento>>. E depois, para aqueles que não entenderam corretamente: <<Eu não quero, enquanto me for possível, governar contra a Câmara: mas a Câmara deve sentir sua particular posição que torna possível dissolver em dois dias ou em dois anos>>

necessária; ele exautorou o parlamento que ele considerava inútil; tornou irrelevante qualquer aparência da democracia; ele realizou a deportação dos "degenerados", as leis raciais; ele tornou impossível qualquer forma de resistência, exterminando de todas as formas possíveis todas as manifestações possíveis; fez com que os poucos cérebros restantes, ainda capazes de pensar, apodrecessem na prisão. Ele realizou a irracionalidade de sua vontade de poder até o suicídio da guerra.

5.

O fascismo era um movimento, um partido, uma organização do Estado. Mas também era uma cultura imbuída de sincretismo filosófico, mitos, religiosidade, materialismo vulgar¹⁷, expectativas de grandeza, frustrações sublimadas, vontade de poder e estetização da política e sentimento, a inclusão de estratos marginalizados e a exclusão da diversidade inventada como perigosa. Foi a tentativa de construir uma coexistência entre uma economia agrária pós-feudal, uma economia pós-guerra que deveria ser convertida em indústria civil, e uma economia industrial e mecanizada já desenvolvida. Foi um "feixe" de tempo em que um passado remoto e um passado próximo foram mantidos apertados, ambos embriagados pelo brilho estrondoso de um presente que tentou esquecer uma longa noite de guerra. A Itália era um país profundamente dividido e estratificado dentro de si que tinha que ser reunido e mantido unido.

O fascismo criou um contexto global de coerção de ação e sufocamento sistemático das liberdades; um sistema político-econômico-administrativo mantido em conjunto por um Estado totalitário que se justificava com a "gravidade do momento" e com a garantia da conquista do futuro e se reuniu com grande consenso em massa. O regime modernizou o país. Modernizou a economia, converteu e desenvolveu a indústria, construiu estradas e pontes e espalhou subsídios contra a miséria. O campo foi despovoado e os camponeses foram militarizados. Houve também as primeiras formas de assistência social e os primeiros esboços tímidos de assistência médica. Foi realizada uma economia controlada por um Estado em grande parte interessado em coexistir generosamente com os interesses de todos os tipos de renda econômica e lucro e em obter para si mesmo tanto renda, quanto lucro. Então a guerra destruiu tudo e o destino permitiu recomeçar. E, assim, permitiu também de se representar a modernidade com tecnologias conceituais opostas às com as quais foi apresentada e imposta a desastrosa "modernização".

A modernidade que o regime fez sonhar certamente não era a modernidade da sociedade moderna. Esse regime tinha sido uma barreira contra a modernidade. Ele tinha colocado uma resistência brutal contra a modernidade. Esse regime bloqueou a forma de diferenciação da sociedade tipicamente moderna, impôs violentamente todas as oposições possíveis à abertura imanente a essa forma de diferenciação, tinha colocado a gaiola de ferro de um Estado totalitário sobre os espaços de ação, tinha sufocado as diferenças, tinha obtuso o sentido à política, à arte, ao conhecimento, à lei. Em outras palavras, colocou os freios brutos na complexidade irreprimível da sociedade moderna: foram freios de natureza político, militar, criminosa, econômica, ideológica, religiosa, étnica. O fascismo era uma "confusão estruturada", diz Eco, uma desorganização ordenada. Mas foi tal que ele conseguiu minar a forma de complexidade, para paralisar sua estrutura, para apertar com mordidas de aço o que deve ser confiado a si mesmo.

Agora, a modernidade que se afirma, a complexidade que não para, não tolera o fascismo, não pode coexistir com o despotismo, com totalitarismo. Violência, coerção, a vontade vulgar de poder incinerar, deformar, esterilizar, queimar os espaços que a sociedade moderna, com sua evolução, se abriu para si mesma e deve se manter aberta: só assim, de fato, a sociedade pode se

¹⁷ Estes são os mesmos ingredientes que se encontram no lixo ideológico do qual está recheado o atual "pensamento neoconservador": basta olhar para as práticas esotéricas, místicas e materialistas de Alexander Dugin, filósofo e inspirador de Putin. Não há ingredientes diferentes no "pensamento" de Steve Bannon, estrategista e inspirador de Trump, ou de Olavo de Carvalho, também de profissão filósofo e inspirador.

tornar continuamente imprevisível para si mesma, ou seja, pode evoluir. Esta é a sua riqueza, e esta é a sua grande aquisição que a diferencia de todas as outras sociedades que a precederam. É precisamente essa imprevisibilidade que o fascismo e o totalitarismo tentam bloquear, controlar, canalizar. E é precisamente aqui que eles falham. Então, no entanto, a evolução segue-se e evolui a si mesma. Mas, as escórias, do passado permanecem. O presente os reconstrói, os leva de volta, transforma-os, adapta-os a si mesmo. Ele os reinventa. E assim ele as usa como realidade.

E de fato, mesmo no nosso presente permanecem difundidos, confusos, mal percebidos ou fortemente enraizados, leves ou pesados como pedregulhos, os restos do que Umberto Eco, em uma de suas famosas conferências, chamou de *Ur-fascismo*, um fascismo primordial, original e eterno. Um fascismo que não tem mais história, que sobrevive a si mesmo e se manifesta de forma generalizada, de fato, leve, latente, oculto, confuso, violento, sangrento, brutal. Esses restos estão presentes, resistem, sobrevivem, ganham vigor, novas formas, às vezes mais refinadas, às vezes até mais vulgares do que aquelas que pertencem à história.

E é precisamente na tentativa de entender e descrever a difusividade desse resíduo que engrossa no presente que lidamos com o fascismo. Para que a natureza, caráter, origem e risco, a ameaça que constituem, possam ser claras. Porque o caráter do presente pode ser compreendido se for possível realocar em sua perda historicidade a natureza dessas ameaças, sua explosividade, seu potencial corruptor da modernidade.

Tratam-se daquelas confusas ideologias de identidade que pregam a rejeição da alteridade (De Giorgi; Priszreni, 2018). É essa identidade fascista, mitológica, que exige o fechamento autocrático de povos e culturas, que afirma se opor à sociedade do mundo e que é racista, mas tem vergonha de usar o termo raça. Um racismo ainda mais vulgar do que o velho racismo porque, enquanto este estava coberto atrás da tela de uma falsa biologia (Weingart; Kroll; Bayertz, 1992), para o atual até mesmo a biologia explicou que "raça" não é um conceito, mas um termo desprovido de conteúdo.

São esses movimentos que se organizam em torno do "não", em torno da negação e que usam a estratégia negacionista para impor ideias e conteúdos contrafactuais. Assim como o fascismo histórico inventou mitos para negar a história e se afirmar como destino, então os negadores buscam o reconhecimento narcisista na falsificação do que a razão usa para sua autopreservação. Eles têm medo do Iluminismo e lutam contra ele uma guerra de baixa intensidade, como dizem.

O *Ur-fascismo* vive nas autocracias (Levitsky; Way, 2010) que ocupam um grande número de países no planeta e que reprimem os espaços de povos subjugados em grande parte da Terra. Nesses regimes não há espaço para a alteridade, não há representação de uma opinião pública capaz de refletir a sociedade e o espectro de seu presente; mesmo o espaço da opinião privada é fortemente reprimido e controlado. Povos, etnias, movimentos de pensamento, expectativas de reconhecimento são sufocados por autocracias opressivas que mantêm a pobreza absoluta e riquezas irreprimíveis.

E, depois há, espalhadas em todo mundo, autocracias de circo, *falsos (fake)* despotismos, populismos de grilagem, mas não menos ameaçadores do que aqueles que usam armas. Esses populismos corromperam a lei, enferrujaram seus códigos, desperdiçaram a política e a economia de seus países e, tendo empobrecido a própria possibilidade da opinião pública, alimentam a linguagem da política com os temas das seitas religiosas que, com seus fiéis, fornecem recursos úteis de consenso.

Este *Ur-fascismo* polui o presente. As possibilidades de ação sem restrições são restritas a áreas muito limitadas. As democracias ocupam espaço muito limitado. Na expectativa atônita de uma primavera, durante esses primeiros vinte anos, o século em que vivemos continuamente experimenta as faces miseráveis e ameaçadoras do *Ur-fascismo*. Muitas vezes permanecem despercebidos, são tratados como fatos desprovidos de consistência, como conexões de sentido que não podem ir além de si mesmos. Na realidade, nestes vinte anos, muitos eventos cheios de

significado ocorreram, mas não há mais gerações que tiveram experiência direta do fascismo histórico e que possam dizer a verdade sobre o passado. Corre o risco de ficar sem memória, o presente.

E para as gerações que não conhecem a função da memória desse passado, pode acontecer de confundir as diferentes construções atuais *do Ur-fascismo* com as construções de lugares transitórios do presente, como se fossem contextos de sentido que se manifestam, desaparecem, e se repetem.

Talvez tudo isso seja parte do que chamamos de democracia. Talvez tenha a ver com a estrutura da comunicação social e os meios de sua difusão. Eu não sei.

Mas eu nem sei por que, enquanto penso na epopeia desta democracia, uma maravilhosa passagem de Gabriel García Márquez, em *Cien años de soledad*, me vem à mente:

Cuando estaba solo, José Arcadio Buendía se consolaba con el sueño de los cuartos infinitos. Soñaba que se levantaba de la cama, abría la puerta y pasaba a otro cuarto igual, con la misma cama de cabeza de hierro forjado, el mismo sillón de mimbre y el mismo cuadro de la Virgen de los Remedios en la pared del fondo. De ese cuarto pasaba a otro exactamente igual, cuya puerta abría para pasar a otro exactamente igual, y luego a otro exactamente igual hasta el infinito. Le gustaba irse de cuarto en cuarto, como en una galería de espejos paralelos hasta que Prudencio Aguilar le tocaba el hombro. Entonces regresaba de cuarto en cuarto despertando hacia atrás.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALEKSIEVICH, Svetlana. *El fin del “homo sovieticus”*. Trad. del ruso de J. Ferrer. Barcelona: Quaderns Crema, 2015.

BOCCIONI, Umberto. Contro la vigliaccheria artistica italiana. *Lacerba*, 1º settembre 1913.

CANGIANO, Minno. Aspetti del modernismo fascista (Italia, Francia, Germania: 1918- 1939). *Enthymema*, XXVIII, p. 125-144. 2021.

Croce, Benedetto, *Per la rinascita dell’idealismo* (1908), in: *Cultura e vita morale*, Laterza, Bari 1953, p. 36 (cfr. E. Gentile, 1996, p. 16)

DE GIORGI, Raffaele. PRIZRENI, Adriana (ed.). *Lo sguardo dell’altro*. Lecce: Pensa MultiMedia, 2018.

ECO, Umberto. *Il fascismo eterno*. Milano: La Nave di Teseo, 2017.

GADAMER, Hans-Georg. dá uma palestra intitulada: *Volk und Geschichte im Denken Herders*. Frankfurt a.M.: Vittorio Klostermann, 1967.

GENTILE, Emilio. *Le origini dell’ideologia fascista (1918-1925)*, il Mulino, Bologna 1996.

GENTILE, Emilio. *The Struggle for Modernity: Nationalism, Futurism, and Fascism*. Westport: Praeger, 2003.

GRIFFIN, Roger. *Modernism and Fascism: The Sense of a Beginning under Mussolini and Hitler*. London: Palgrave, 2007.

- GRIFFIN, Roger. Modernity, Modernism, and Fascism: A “mazeway” resynthesis. IN: [?]. *MODERNISM/modernity*, Baltimore: Johns Hopkins University Press, 2008, p. 9-24. [Vol. XV, n. 1].
- GRIFFIN, Roger. *The Nature of Fascism*. London: Routledge, 2013.
- HERDER, Johann Gottfried. *Auch eine Philosophie der Geschichte zur Bildung der Menschheit*. Stuttgart: Reclam, 1990.
- HORKHEIMER, Max. *Subjektivität und Selbsterhaltung: Beiträge zur Diagnose der Moderne*. Herausgegeben und eingeleitet von H. Ebeling. Frankfurt a.M.: Suhrkamp, 1996, p. 41-75.
- KLINKHAMMER, Lutz; BERNHARD, Patrik (ed.). *L’“uomo nuovo” del fascismo: tra progetto e azione* [Schriftenreihe - Ricerche dell’istituto storico germanico di Roma], Band 11 (2017).
- LE BON, Gustave. *Psicologia delle folle*. Milano: Edizioni TEA, Milano, 2004 [(1895)].
- LEVITSKY, Steven; WAY, Lucan A. *Competitive Authoritarianism: Hybrid Regimes after the Cold War*. Cambridge: Cambridge University, 2010.
- LUHMANN, Niklas; DE GIORGI, Raffaele. *Teoria della società*. Milano: Franco Angeli, 1991
- LUHMANN, Niklas. *Haltlose Komplexität*. IN: _____. *Soziologische Aufklärung, 5: Konstruktivistische Perspektiven*. Opladen: Westdeutscher, 1990, p. 59-76.
- LUHMANN, Niklas. *Soziale Aufklärung*. IN: _____. *Soziologische Aufklärung, 1: Aufsätze zur Theorie sozialer Systeme*. Opladen Westdeutscher, 1996 (1970), p. 66-91.
- MORASSO, Mario. *L’imperialismo nel secolo XX: La conquista del mondo*. Milano: Fratelli Treves, 1905. p. 32 e 39.
- PELLIZZI, Camillo. Idealismo e fascismo. *Gerarchia*, I (1922), 10, pag. 605-612 (Cfr. E. Gentile, 1996, pag. 156)
- PELLIZZI, Camillo. *Problemi e realtà del fascismo*. Firenze: Vallecchi, 1924.
- STERNHELL, Zeev. *Les anti-lumières: Une tradition du XVIIIe siècle à la guerre froide*. Paris: Gallimard, 2010.
- WEINGART, Peter; KROLL, Jürgen; BAYERTZ, Kurt (Org.). *Rasse, Blut und Gene: Geschichte der Eugenik und Rassenhygiene in Deutschland*. Frankfurt a.M.: Suhrkamp, 1992.
- WOLIN, Richard. *The Seduction of Unreason: The intellectual Romance with Fascism from Nietzsche to Postmodernism*. Princeton: University of Princeton, 2004.
- ZINOVIEV, Aleksander. Homo sovieticus. *Atlantic Monthly Press*, 1985.